

Direto da Luta

Nosso marco é ancestral: Direito à luta territorial e à preservação ambiental no Território Indígena de Taunay/Ipegue

Depoimento colhido por

Marcos Mondardo

447



Foto 1 - Paulo Baltazar, do povo Terena, é geógrafo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1992) com Mestrado em (Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2010) e Doutorado em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (2022). Atualmente, é professor na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* de Aquidauana, onde é coordenador do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena. Foi agraciado com menção honrosa no Prêmio Maurício Almeida Abreu de Tese 2023, durante o XV Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, Palmas/TO. Na imagem, junto à nascente “Hopunó’evoti úne” da Água Branca. Por isso, Aldeia Água Branca.

“Direto da Luta” é uma seção de **AMBIENTES** criada para ajudar a “dar voz” a pessoas envolvidas com lutas populares e iniciativas coletivas em prol da justiça ambiental e, mais amplamente, da defesa de valores e práticas socioecologicamente emancipatórios. São depoimentos breves, que contam um pouco da trajetória, do trabalho realizado e das perspectivas de atuação da pessoa e de seu movimento/organização.

Paulo Baltazar: sou professor, Terena, falante da língua, nascido na aldeia União, no município de Miranda/MS. A minha trajetória como professor indígena teve início depois da minha graduação em geografia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul em 1992. Em 1998 me tornei diretor na Escola Indígena Feliciano Pio, na aldeia Ipegue, no município de Aquidauana.

Durante a minha vivência na escola e na comunidade fui ampliando a minha experiência e os meus conhecimentos culturais, como, por exemplo, em educação escolar indígena, em educação indígena, no território, na ancestralidade e no meio ambiente indígena.

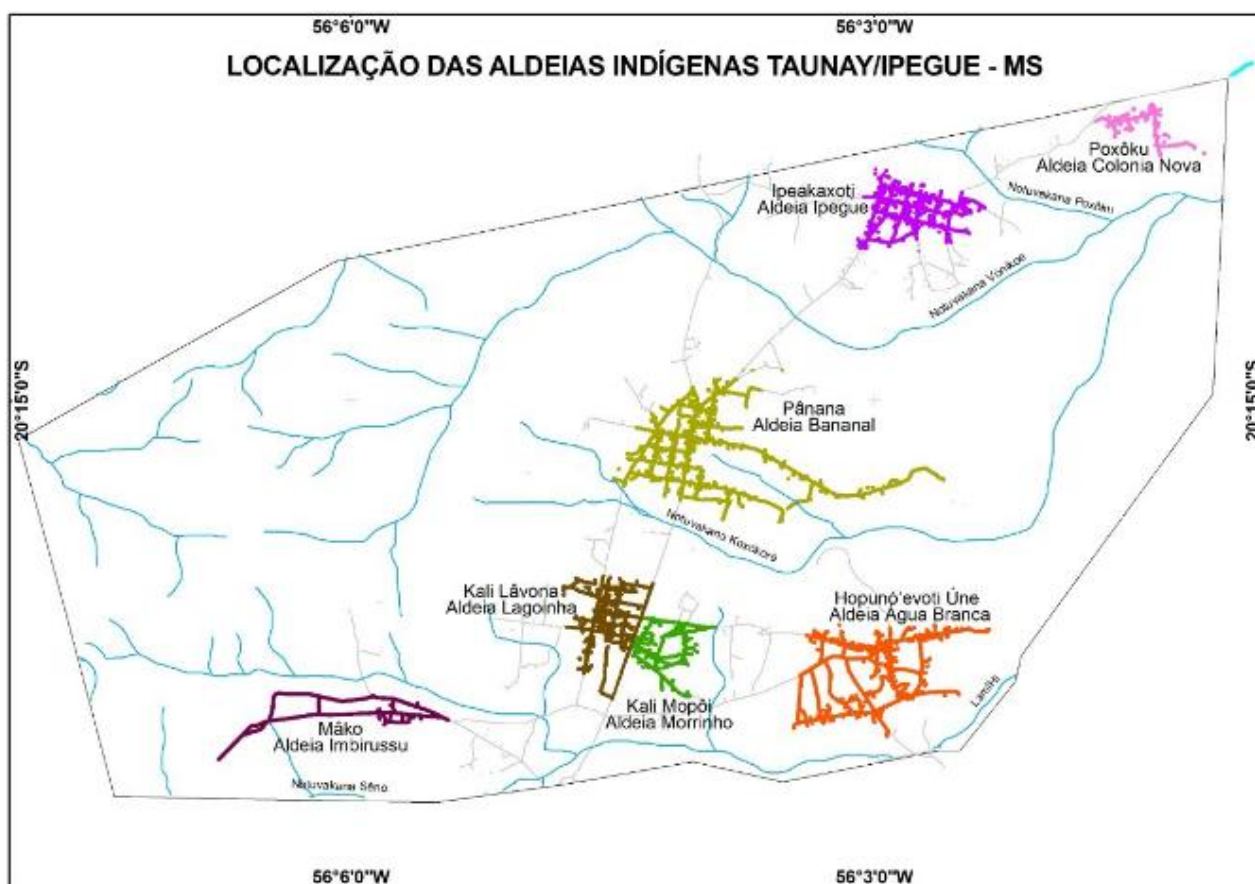
Quando se trata de um povo originário, as dificuldades são muitas, a começar pela escola onde as crianças são alfabetizadas na outra língua. A língua portuguesa foi, e, ainda é, uma luta para implantar e continuar nesse método de al-

fabetização, mesmo com resultados positivos.

Diante das dificuldades, o mais importante para os povos indígenas é a questão territorial e ambiental, uma vez que a minha ancestralidade sempre pautou no aprendizado, no respeito, e no conhecer a natureza, não para dominar, mas, para assegurar a sustentabilidade, o bem viver Terena, a transmissão de conhecimentos tradicionais, a afirmação da língua, a continuidade da dieta alimentar e a prática do xamanismo.

O Território Indígena de Taunay/Ipegue possui 6.461 hectares, onde a minha ancestralidade sobreviveu e soube organizar o diminuto espaço territorial, de acordo com a natureza, e com os lugares afetivos, de pesca, do sagrado, do histórico, do mito, da fauna e da flora ambiental.

Mapa 1 – Localização das aldeias da Terra Indígena Taunay/Ipegue – Aquidauna/MS (Fonte: Biomapas)



2020. Paulo Baltazar, janeiro de 2022).

O Território Indígena remete à construção de vivências, culturalmente variáveis, da relação entre um povo indígena, específico, e da sua base material, que diz respeito ao espaço físico que é parte da vida social, política, cosmológica, e que envolve diversos elementos míticos, como, por exemplo: *koxókore*, a mãe d'água, conhecida pelos Terena; *yovîrekoe*, o lugar de lobos, um animal dotado de misticismo; lugar das monta-

nhas, rios, córregos, com seus misticismos; além da caça e da pesca; Cerrado ou mato, lugar de iniciação xamânica, e, também lugar de plantas medicinais, de vegetais e de alguns animais; lugar de subsistência; lugar de transmissão de conhecimentos tradicionais; lugar de escola viva, onde se aprende diretamente no território com meios de aprendizagem lúdica que a natureza oferece. Por isso, o território é vida para os povos indígenas.

Um dos exemplos emblemáticos de lugar afetivo foi o “Yûxu”, pilão, que é um lugar de memória e de afetividade que foi repassado de geração a geração entre os Terena moradores da aldeia

Ipegue e da Colônia Nova, que estão ligados diretamente, indo além do amor pelo lugar, mas de respeito com a água, com a mãe d’água, que se encontra no “Yûxu”.



Foto 2 – Yûxu (Fotografia registrada por Paulo Baltazar, na aldeia Ipegue, em 2022).

Quando realizei o trabalho de campo na aldeia Ipegue, no dia 08 de fevereiro de 2022, fui ao “Yûxu”, e surpreendi-me com cercas com mais de cem metros de raio em torno do “olho da água”. Para os olhos de quem protege a natureza, imaginei que estavam protegendo com cerca de quatro fios de arame liso para que não entrasse ne-

nhum animal, mas, foi puro engano, tinha outra finalidade. O objetivo era o de excluir o povo Terena que se beneficiava da água saudável, em detrimento do gado, do então proprietário da Fazenda Esperança.

Mas na cosmovisão Terena, em relação à natureza, vai além do “Yûxu”, é mais ampla, pois, não é qualquer natu-

reza, mas lugar de moradia dos espíritos, do mito da água que está presente. Por isso, as crianças foram ensinadas, desde pequenas, a respeitar o “Yûxu”, não

sendo permitido lavar as mãos, lavar o rosto, colocar o pé dentro dessa mina d’água.



Foto 3 – Árvore – Jatobá (Fotografia registrada por Paulo Baltazar, na aldeia Ipegue, em 2022).

Mas com o passar dos anos o território ficou pequeno devido ao crescimento populacional e a falta de espaços para a prática da agricultura tradicional. Os mesmos tiveram que resolver as necessidades sociais, territoriais, econômicas e culturais. Entretanto, esse processo levou a outra frente de

luta, que é a retomada das terras tradicionais indígenas.

Neste sentido, os povos Terena lutam pela retomada das terras tradicionais. Uma destas lutas de retomada aconteceram no amanhecer do dia 31 de maio de 2013, na Fazenda Esperança, território tradicional indígena, onde estavam presentes homens, mulheres, jovens e crian-

ças, que vibraram com cânticos de exaltação das anciãs terena, falando palavras de ordem: “Poké’exa ûti, Poké’exa ûti”,

nossa terra, nosso território, a terra é nossa”.



Foto 4 – Retomada dos Terena (Fotografia registrada pelo autor em 08 de junho de 2013).

De fato, esses territórios tradicionais também são lugares afetivos da nossa ancestralidade, onde existia aldeamento antes da “Guerra da Tríplice Aliança” (1864 – 1870), conhecida como aldeia “Naxe Daxe”, na língua Kadiwéu, e “Natakaxe” na língua terena, atualmente reterritorializada como aldeia Natakaxe.

Com certeza, os nossos ancestrais fizeram a prática cultural de “enterrar o útero – umbigo” da criança, ação que é feita pela mulher Terena. Assim, quando o umbigo se separa da criança, a mãe o enterra perto da casa, indicando o vín-

culo com a terra e o território, e com esperança de que um dia, no final da sua vida, o filho voltará ao território, e o corpo físico será sepultado em sua terra natal.

Hoenaxovope Voxú'ikene: Kaxunákovoti ya Poké'exa ûti motovâti vitópea yoko kátarakeano ra Poké'exa Tone/Ipeakaxoti

Paulo Baltazar: undi ihíkaxoti têrenoe, koyuhó ngoe, União imbúhikea, Mirandake/MS. Unzexone inzikauvo geografia ya 1992 UFMSke, inatimó ndurixóvo ínzikaxea. Nzupixókonoti indukeovo diretorna Escolana kopénatihiko Feliciano Pio ya Ipéakaxoti municípionake Quidâvana yaneko xoinae 1998.

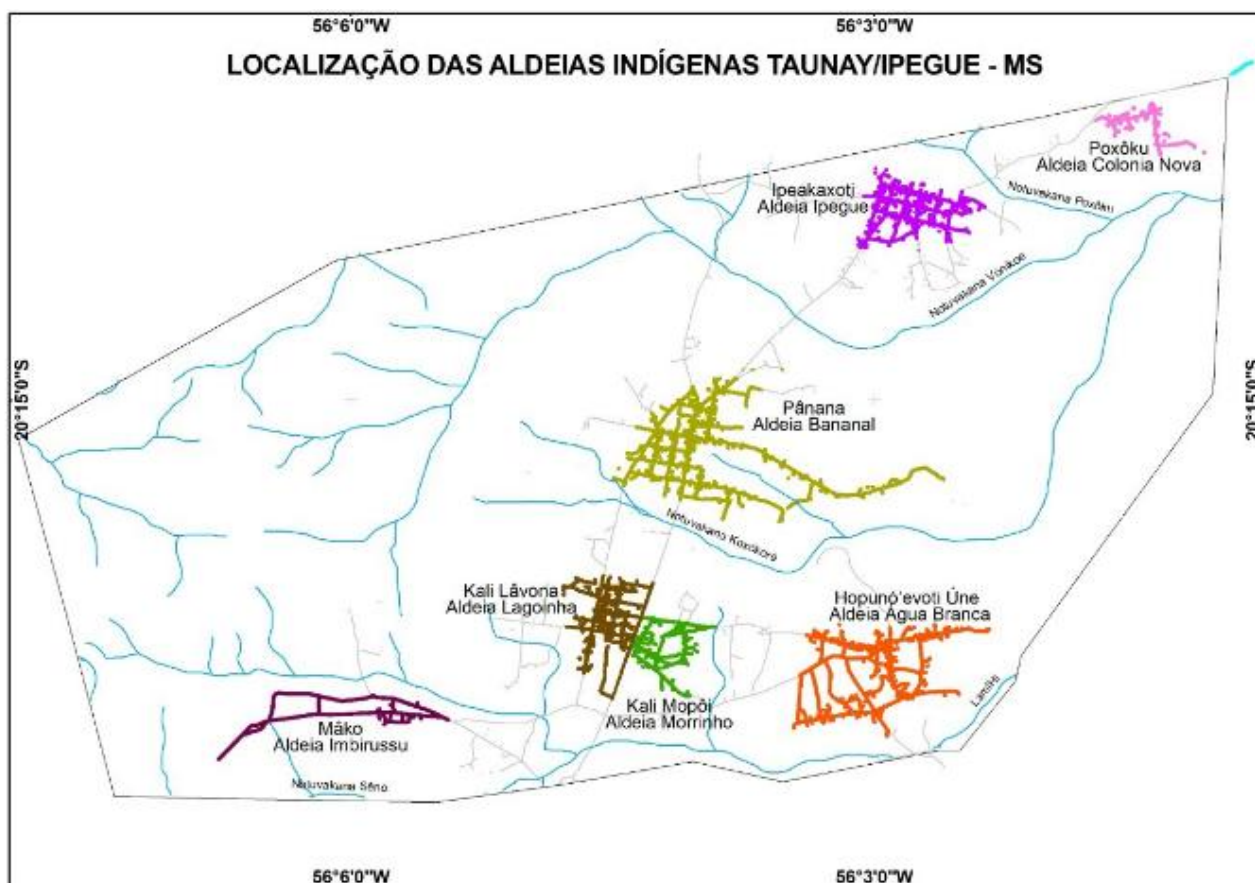
Koeku ónvea ra escolake koane xapákuke vípuxovoku koane enóiyea énjone kixoku vitúkeovo, kuteâti koeku, ihíkauvoti, poké'exa ûti, voxúnoe yoko ra kúveu mêum.

Vitukinoa vissóneu eneporá viyénoxapa, êno konokinovâti, turixeôvoti ya escolake, óvoku íhikaxeovo ne kalivónohiko ya emóuke purútuye. Eneporá emoú purútuye énomone íhikaxeokono nóvoke ne kalivónohiko, po'ínunemaka yumóixeovone ûti motovâti

íhikaxeokono ne kalivôno ya têrenoeke, vo'ókuke únati píhea éxea ne íhikaxeovo.

Noixoa ûti ra êno nokonéti, inúxoti koati yuixovone ûti énomone ra poké'exa ûti yoko ovâti kúveuke ra inuku poké'é. Vo'ókuke énomone kixoa voxú'ikene ákoyea omótova okóvo, motovâti éxea emóu ra mêum, maka aunatine kátarakea. Énomonemaka veyóponea kúxoti exóneti, kaxunókoti vemóu, koane úkeakune nika ûti yoko óvokunemaka íhikaxeovo ne inámiti ko'éxoneti ohókoti.

Eneporá poké'exa ûti Toné/Ipeakaxoti ako apáyaina pohú 6.461 koe itóvoku, óvohikokune novo ne voxú'ikena, koane énome katarákoa ra poké'e itukínoa iháhiko ne ovâti kutêati koeku: numíkuxokuti, óvoku teyonéti, koane óvohikoku hó'openo yoko óvohikoku ipixáti.



Mapa 1 – Óvohikoku vípuxovoku poké'exa ûti Toné/Ipeakaxoti - Quidâvana - MS (Biomapas 2020. ìtuke Pôulu. Janeruke 2022).

Itea ra poké'exa ûti énomone óvohiko kaxunákoti kixoku vitúkeovo, énomone teinoa ûti, koane énome ákoino omótova vokóvo, vo'oku énome óvohiko ne viyeno xapa, koane kixoku ko'ísonoyea ákoti tôpi koeku kuteâti koeku: *koxókore*, enoun úne; *yovîrekoe*, óvohikoku *yovîre*, ákoti topi koeku éxetina; óvohikoku *mopôî*; *huvêo*; *nótuvaka*; ovohikoku hó'openo yoko óvohikoku *numikuxokuti*; *hôi* óvoku *ihikaxovoku* ohókoti; óvohikoku *ipixáti*;

koane hó'openo poréxoti *ipixáti*; úkeaku nika ûti; óvoku *íhikaxoviku* *voxúnoe*; koane ra poké'exa ûti óvokuné úha koeti nókone véxea. Énomone itukinovo únati vóvea ya poké'exa ûti.

Yokómomapihi koeku ne “Yûxu”, óvoku kaunaeti *exetínati* yoko téyone *voxúnoe*, êno éxetina *tuku* koeti kó'oyene. Énemone itúkinovi xêti ne *voxú'ikene* *motovâti* véxea koeku éxetina *mekúke*. Énepone ko'óvokutihiko íhae Ipeakaxoti yoko

Poxôku ako omôtova ókovohiko, koane téyôa vo'óku anêkoti enoun úne ovâti ne “Yûxu”.



Foto 1 – Yûxu (Nonêti véone Pôulu ya vípuxovokuke Ipeakaxoti).

Inâ ndurixoa nyonea ya poké'exake Ipeakaxoti yaneko oituna kóhea sevêreru 2016, mbiho xoko “Yûxu”, ngonokoi noinjôa hánaiti konúxeovo ne uke úne. Noinjoa íngutixa katarákokonoti vo'oku ápeyêa ârame kunuxôati motovâti ákoyêa úsaixapu hó'openohiko. Itea haina koe, eneponé kunúxeovo pó'iti itúkovoke. Ápeinoke ne kunuxóvoti motovâti ákoyêa tarú'uxa viyénoxapa têrenoe yoko motovâti

unátiyêa koêku ne vakánahiko ne ko'óyonokuti énoyeovo úne xoko “Yûxu”.

Itea isóneuke ne viyenoxapa eneporá “Yûxu” haina apéhi koeti, teyokono vo'oku itúkeovo óvoku enoum úne. Énomone íhikaxinokono ne kalivôno téyêa ne “Yûxu”, ako omótova kipóvouxêova, kipunoneova, koane kipóhevêxeova ne uke úne.



Foto 2 – Xúve – Vâma (Nonêti ítuke Pôulu – 23 na sevêreru 2022).

Koeku píhea xoenahiko koana ákoyea apáyaina ra poké'exa ûti vo'óku énotine xanéhiko, koane ákone axúina óvoku isáne. Yane'é opósikone koekuhiko ne voxúnoe motovâti ápeyea óvokuhiko, koane óvoku nóne, óvoku kixoku káxunakopeovo kixoku vitúkeovo kopénoti. Énomone kutí'inoke turixovoti opósikopeahiko kúxoti poké'exa ûti. Turixóvotinemo hú'uxopeahiko kuxoti poké'exa ûti.

Inúxoti hu'uxoponeti poké'e énomone ne óyonoku peransa, yaneko kaxena 31 na mayo 2013, kúxoti poké'exa ûti. Êno xânehiko yaneko káxe; hóyeno, sêno, ârunoe, homôehou yoko kalivono. Váukexonehiko elóketi okóvo itopâne ne poké'e koane imókeovo ne hóvenoenohiko. “Poké'exa ûti, Poké'exa ûti”, koene emóuhiko.



Foto 3 –Hu'uxóponeti oyonókuti ituke têrenohiko (Nonêti ituke Pôulu 2013).

Eneporá kúxoti poké'exa ûti ako omótova okóvohiko voxúnoe, koane ápe nóvoke kúxoti ípuxovokuhiko viyénoxapa tumúneke “Isukókoti Kaxeono” (1864 - 1870), “Naxe Daxe” íhaxea vayúkuluti, itea “Natakaxe” íhaxopea têrenohiko. Kó'oyene anêkopone viyénoxapa opâti ra inámati vípuxovoku koahati “Natakaxe”.

Eneponehiko kúxoti vosénoe ekóxopa ûro ne inámati kalivôno ipúhikoti, kixo'ekoti homóxea ipúhikeaku, ákoyea ahíkuxeapa ne poké'e, vo'oku koekuti káxe énomonemo ekóxopovo ivakápu.